

O AGRO É NOSSO, O AGRO É PAZ

Roberto Rodrigues*

Estamos a pouco menos de três meses de uma das eleições mais complexas de nossa história contemporânea, cujo resultado terá enorme importância para o futuro do Brasil.

Se tivermos um governo reformista, haverá grande chance de encontrarmos o caminho do desenvolvimento sustentável e equitativo, gerando bem-estar a toda a população. Mas se elegermos um governo meramente populista, talvez entremos num complicado período de desequilíbrio fiscal que não se sabe como vai acabar.

Seja como for, os diversos setores econômicos, sociais e políticos do país se preparam para encaminhar aos escolhidos em outubro seus maiores desafios e demandas.

O agro não ficará fora deste processo. Em todas as últimas eleições diretas, as entidades representativas do setor rural levaram aos diferentes candidatos, independente de partidos, seus anseios mais legítimos. E isso foi feito também pelas instituições de todos os demais setores, de sorte que o novo governo, logo depois de empossado, recebia uma quantidade imensa de demandas que eram impossíveis de atender, mesmo que apenas parcialmente. E ninguém "levava" nada.

Por essa razão, este ano o agro está inovando. Um qualificado grupo de técnicos vem trabalhando com afinco para oferecer aos candidatos à presidência da República um Plano de Estado que não busca nenhum privilégio para o campo. O ambicioso Plano pretende transformar o Brasil no campeão mundial da segurança alimentar até 2030 e, por conseguinte, no campeão mundial da paz, visto que jamais haverá paz onde houver fome. De pronto dois aspectos sobressaem: o primeiro é o conteúdo estratégico. Não se trata de um plano para um único governo, mas uma visão de longo prazo que abarácará pelo menos três mandatos presidenciais. E o segundo tem a ver com o conjunto de setores envolvidos: não é um plano para desenvolver o agro, simplesmente. Ao pretender alimentar o mundo, ele incorpora os diversos segmentos das cadeias produtivas, a partir de uma premissa óbvia: não se planta nada sem máquinas, sem insumos (sementes, defensivos, fertilizantes), sem crédito e seguro, sem gente capacitada, e tudo isso é eminentemente urbano. Igualmente não se vende nada sem indústria de alimentos, sem estradas, ferrovias, portos e armazéns (infraestrutura) sem traders, sem redes de comércio e distribuição, também segmentos urbanos. Portanto, a proposta de fazer do nosso país um campeão mundial da alimentação diz respeito a todos os cidadãos brasileiros, uns mais diretamente e outras indiretamente.

Mais ainda: as entidades classistas que patrocinam este estudo não estão pedindo nada aos futuros governantes. Ao contrário, estão oferecendo a eles, ao Brasil e ao mundo uma chance real de criar a paz universal, garantido a toda gente o direito essencial de se alimentar.

Se os eleitos assumirem esta oferta, estarão gerando empregos dignos e renda para o conjunto dos nossos concidadãos, e riqueza para o país. Isso dará uma nova dimensão ao agro, porque ele passará a ser visto como uma atividade de interesse e compromisso de todo mundo, urbano ou rural. E, alcançado o objetivo colimado, cada brasileiro estará dizendo, com orgulho: " o agro é nosso, o agro é paz"!!!

*** Coordenador do Centro de Agronegócio da FGV, Embaixador Especial da FAO para as Cooperativas e Presidente do LIDE Agronegócio.**